

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE PEDAGOGIA

MARIA HELENA CASAGRANDE

**EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS: A ESCOLA ISOLADA CAPELA DE
SÃO ROQUE NAS LEMBRANÇAS DE EX-ALUNOS/AS (CRICIÚMA
1940 - 1950)**

CRICIÚMA, DEZEMBRO 2010.

MARIA HELENA CASAGRANDE

**EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS: A ESCOLA ISOLADA CAPELA DE
SÃO ROQUE NAS LEMBRANÇAS DE EX-ALUNOS/AS (CRICIÚMA
1940 – 1950)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
para obtenção do grau de Licenciatura no curso
de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Marli de Oliveira Costa.

CRICIÚMA, DEZEMBRO 2010.

MARIA HELENA CASAGRANDE

**EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS: A ESCOLA ISOLADA CAPELA DE SÃO ROQUE
NAS LEMBRANÇAS DE EX-ALUNOS/AS (CRICIÚMA 1940 – 1950)**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação, Cultura e Ambiente.

Criciúma, 09 de Dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Marli de Oliveira Costa – Doutora - (UNESC) - Orientadora

Prof. Giani Rabelo - Doutora - (UNESC)

Prof. Vera Maria Silvestre Cruz – Mestre - (UNESC)

Dedico este trabalho a toda a minha família, em especial aos meus pais, meu irmão, e meu namorado que sempre esteve me apoiando e me confortou nos momentos de cansaço.

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus pais Heitor e Zelinda e ao meu irmão José Augusto, que tiveram muita paciência e compreensão durante os períodos difíceis em que passei.

Ao meu namorado pelo carinho e pela compreensão durante estes quatro anos.

Em especial minhas amigas Anelise, Liziane, Chalana e Renata pelo aprendizado que por muitas vezes foi compartilhado, e a amizade e o carinho de todos os dias.

A minha orientadora pelos ensinamentos e contribuições durante a elaboração deste trabalho.

A Deus pela oportunidade de estar viva e concluindo este curso. Enfim, agradeço a todos que de alguma forma estiveram ao meu lado.

**“[...] Lembrar não é reviver, mas refazer,
reconstruir, repensar com idéias...”.**

Ecléa Bosi

RESUMO

Esse TCC abordou estudos sobre a memória de ex-alunos (a) da Escola Isolada Capela de São Roque entre os anos de 1940 – 1950 na cidade de Criciúma. O objetivo principal foi perceber quais experiências de alunos e alunas foram mais significativas no período focado. Para tanto, a metodologia utilizada foi principalmente a história oral. Para analisar os depoimentos empregou-se a categoria memória e os conceitos de infância, criança e aluno. Esse estudo é uma contribuição para a história da educação de Criciúma, pois por meio dele pode-se perceber pistas de como era o currículo, a relação professor x aluno, as relações de pares no recreio, a disciplina e outros.

Palavras-chave: Memória. Infância. Escola. Aluno.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GRUPEHME – Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação.

SC – Santa Catarina.

E.M.E.I.E.F. – Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental.

ACAFE – Associação Catarinense das Fundações Educacionais.

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense.

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O BAIRRO SÃO ROQUE, A CRIAÇÃO DA ESCOLA E A INVENÇÃO DOS ALUNOS.	16
3 A ESCOLA E OS ALUNOS/AS.	23
3.1 Tempo de entrar na escola.....	24
3.2 Lembranças de dificuldades	26
3.2 Lembranças das professoras.....	28
3.3 Lembranças da rotina escolar.....	30
3.4 Provas e castigos.....	34
3.5 O recreio: Tempo furtivo da vida escolar	38
3.6 Uniforme, língua italiana e a guerra como lembranças significativas.....	40
4 CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta as memórias de ex-alunos/as que estudaram na Escola Isolada da Capela de São Roque evidenciando as lembranças significativas do tempo em que foram crianças.

Ao ingressar no curso de pedagogia tive oportunidade de conhecer, refletir e compreender a história da educação no Brasil. O contato com esse conhecimento me levou a querer saber como foi o processo de implantação da primeira escola no bairro São Roque – Criciúma/SC e de que forma ex-alunos/as vivenciaram suas experiências escolares.

Sabia de antemão que essa escola era antiga, pois alguns conhecidos haviam estudado nela; foi por meio de algumas perguntas que fazia para as pessoas residentes no bairro, que percebi que a história da escola estava sendo perdida, pois poucas pessoas recordavam a escola. Comecei a me preocupar, pois a escola ficará no esquecimento, caso ninguém faça o registro dessas histórias.

Futuramente as lembranças sobre esta escola serão perdidas, pois a maioria dos alunos/as que estudaram na época de sua implantação já faleceram, no entanto, ainda restam algumas pessoas que podem rememorar suas experiências.

As pessoas que hoje tem entre 60 e 70 anos, ou até mais, e que tiveram aulas nessa escola possuem muitas lembranças que levarão consigo ao morrerem.

Por meio do registro dessas lembranças, as pessoas das novas gerações passarão a conhecer como era estar aluno ou aluna na escola da comunidade de São Roque nos anos de 1940 á 1950.

Foi a partir da preocupação acima que surgiu o problema de pesquisa deste projeto: identificar nas lembranças de alguns ex-alunos e alunas da Escola Isolada da Capela de São Roque como vivenciaram suas experiências no tempo de infância, evidenciando a organização da escola entre 1940 a 1950

O recorte temporal deu-se em função de 1940 ser a década em que os entrevistados relatam terem freqüentado a escola e 1950 a data que foi transferida de local e, passou a ter outra denominação “Escola Reunida Antônio Minotto”.

A metodologia de pesquisa utilizada foi à história oral temática. Durante várias décadas utilizou-se nas pesquisas do campo da história da educação,

somente os documentos oficiais, deixando de lado qualquer outro tipo de fonte documental existente. Mas, com o alargamento dos temas abordados pela história da Educação, os pesquisadores foram aos poucos ampliando o uso das fontes.

Segundo Lopes e Galvão (2001, p.81): “[...] as histórias da educação incorporaram a idéia de que qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas e que, em muitos casos, as fontes oficiais são insuficientes para compreender aspectos fundamentais [...]”.

No entanto, nesta perspectiva, o tempo passado não é visto como algo verdadeiro e único, mas “[...] o passado nunca será plenamente conhecido e compreendido; no limite, podemos entendê-los em seus fragmentos, em suas incertezas”. (LOPES; GALVÃO, 2001, p.77)

Para as autoras, as fontes só passam a existir para o pesquisador de histórias se ele tiver um problema de pesquisa.

As fontes estão aí, disponíveis, abundantes ou parcas, eloqüentes ou silenciosas, muitas ou poucas, mas vemos, pelos trabalhos que são realizados, que existem. Mas, estão também indisponíveis porque, inicialmente, é preciso que aquele que se propõe ao trabalho vá atrás delas e só faça isso se tiver um problema ou, no mínimo, um tema. (LOPES; GALVÃO, 2001, p.78)

Nessa pesquisa o tema foi às experiências dos alunos/as por isso o uso da história oral. Porém, é preciso lembrar que o pesquisador também não pode se deter apenas a um tipo de documento, ele deverá buscar novos materiais e fazer o cruzamento entre eles, para que assim possa ter um maior nível de aprofundamento do assunto estudado por ele.

Segundo Lopes e Galvão (2001, p.93) “[...] um trabalho é mais rico e mais confiável quanto maior for o número e tipos de fontes a que se recorreu e com quanto maior rigor tenha sido exercido o trabalho de confronto entre elas”.

Assim, além da história oral buscaremos informações no livro biográfico de Maria Minotto Borsatto (2003) e algumas fotos.

Por menor que se seja, ou por mais simples que seja o objeto de pesquisa, o pesquisador deve deter-se aos mínimos detalhes do objeto estudado, pois este procedimento pode ter muita importância. Também precisa estar preparado, com questionamentos, dúvidas, pois sem elas não se pesquisa nada, sendo que “A sensibilidade do pesquisador é convocada, tanto quanto seu rigor,

para analisar o que se tem em mãos, e ele, ela, tentará não deixar nenhuma pergunta de fora, mesmo se for um objeto banal, um tinteiro, por exemplo [...]”. (LOPES; GALVÃO, 2001, p.83)

Para alcançar nas lembranças como foi à rotina dos alunos\as da escola Isolada Capela de São Roque buscamos investigar como era a relação professor x aluno, como se dava o processo de ensino aprendizagem, quais as brincadeiras praticadas pelos alunos na escola, a disciplina e os castigos existentes.

A metodologia de investigação fez-se por meio de uma pesquisa de campo, que se realizou com ex-alunos/a da Escola Isolada da Capela de São Roque assim denominada pelos entrevistados/a, que estudaram durante a década de 1940 a 1950.

Segundo Andrade (2006, p.121) “pesquisa é o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos”.

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa para melhor análise do problema, pois segundo Fialho e Souza (2003 apud ACAFE, 2008, p.3) a pesquisa qualitativa permite ao investigador compreender aspectos da subjetividade humana. Neste tipo de abordagem o que interessa são os acontecimentos, situações e vivências.

Assim além de qualitativo esse estudo apresenta caráter exploratório descritivo. Segundo Gil (1991, apud ACAFE, 2008, p.11) geralmente na pesquisa de caráter exploratório o pesquisador trabalha com “levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, e análise de exemplos que estimulem a compreensão”.

Como já foi mencionado este trabalho busca realizar suas análises utilizando a história oral como metodologia de pesquisa e a memória como uma das categorias de análise.

Segundo Meihy (1996, p.65 e 66):

Na História Oral busca-se ou o registro da experiência vivencial ou informações. Com elas prepara-se um documento objetivo que, ou vale por si e neste caso dispensa análise, ou é equipado com outros discursos ou documentos. [...] A memória, por ser variável e desfocar o centro da reflexão sobre o discurso da entrevista, difere da história oral, que está atenta á inserção do individuo na sociedade e não na relação do depoente com suas lembranças.

No entanto, há diferenciações entre a memória propriamente dita e a História Oral. A História Oral nasceu em 1947, na Universidade de Columbia, em Nova York. Foi a partir daí, que se começou a ter um interesse maior em captar depoimentos, Meihy (1996) destaca que isto se deu depois da II Guerra Mundial, quando combinaram os avanços tecnológicos com a necessidade de propor formas de captação de experiências importantes como às vividas por combatentes, familiares e vítimas dos conflitos. Podemos dizer que:

A moderna história oral tem um passado muito remoto, que poderíamos chamar de "Pré-história da história". É comum dizer que a história oral é tão velha quanto a própria história. Fala-se também que toda história antes de ser escrita passou pela oralidade. (MEIHY, 1996, p.19).

No Brasil, a História Oral começou a ser utilizada nas universidades muito tarde. Só a partir de 1970 começa-se a ter uma vontade de recuperar o tempo perdido. Conforme o que diz Meihy (1996, p.24):

Museus, arquivos, grupos isolados e principalmente a academia manifestavam certa ansiedade expressa na busca de entendimento para promover debates em torno da história oral. Atualmente, há, sem dúvidas, um notável avanço mantido inclusive em nível internacional, onde o Brasil passa a ter lugar cada vez mais destacado como promotor de trabalhos de história oral.

É a partir da História Oral que podemos estar registrando fatos que foram deixados no esquecimento ou que por motivos de pressão foram silenciados.

Ainda Meihy (1996, p.10) "[...] a história oral é uma alternativa a história oficial, consagrada por expressar interpretações feitas, quase sempre, com o auxílio exclusivo da documentação escrita e cartorial".

Atualmente, para que tenhamos uma boa captação de histórias orais, faz-se uso de alguns instrumentos eletrônicos, que são peças fundamentais para as transcrições e arquivamentos posteriores que serão feitos, assim marcando um novo tempo no âmbito da história oral, sendo que "A base da existência da história oral é o depoimento gravado". (MEIHY, 1996, p.15).

Para que possamos utilizar tais depoimentos captados, façamos o uso de uma autorização do entrevistado por escrito, onde será assinada para que posteriormente o material possa ser utilizado.

A carta de cessão tem de ser clara, pessoal, feita com cópia registrada em cartório quando se fizer necessário e constando, caso haja, os limites do uso da entrevista (se além de poder ser ouvida e publicada no todo ou em parte, se pode ou não ser colocada em uso imediatamente ou se deve aguardar prazos e neste caso quais). (MEIHY, 1996, p.29)

Ainda quando se trata de pessoas que não queiram se identificar, faz-se uso do anonimato: “Projetos que trabalham com situações de risco, de vexames, de impressões sobre outros, podem valer-se da invisibilidade. Contudo, na apresentação do trabalho deve ficar claro o nível e as razões do disfarce”. (MEIHY, 1996, p.29)

Mas é a partir da História Oral temática que utilizamos nesse estudo que o pesquisador poderá ter um enfoque maior no que realmente tem interesse, pois segundo Meihy (1996, p.41) “Por partir de um assunto específico e preestabelecido, a história oral temática se compromete com o esclarecimento ou opinião dos entrevistados sobre algum evento definido. A objetividade é direta”.

Ainda para Meihy (1996, p.41) “Pretende-se, mesmo considerando que ela é narrativa de uma versão do fato, que a história oral temática busque a verdade de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma versão que seja discutível ou contestatória”.

Foram escolhidos dois ex-alunos e uma ex-aluna, por lembrarem suas experiências referentes ao período de sua infância na escola. Após a escolha dos entrevistados realizamos um primeiro contato para sabermos se os mesmos lembravam-se do tempo da escola e se estavam em condições de lembrar sobre a experiência vivenciada nos primeiros anos de funcionamento da referida escola.

Os ex-alunos/as são peças fundamentais para realização deste trabalho, foram eles que viveram e vivenciaram intensamente o período pesquisado.

Para compreendermos as lembranças utilizaremos algumas categorias de análise como os conceitos de infância, criança e aluno. Na idade média não existia sentimento de infância, a criança era vista como um adulto em miniatura, nas ilustrações dessa época podemos perceber que as crianças são vestidas iguais aos adultos, elas participavam de todos os momentos juntos dos adultos, não se tinha a preocupação de limitar a presença da criança a certos assuntos e momentos da vida rotineira dos adultos. (ARIÉS, 1981)

Nesse período também havia a questão da mortalidade infantil que era bem elevada à morte das crianças era percebida pelos adultos como algo simples

“normal”. A duração da infância era um período muito curto, pois quando a criança não precisasse mais dos cuidados da mãe ou das amas de leite, por volta de seis a sete anos ela participava diretamente da vida dos adultos. (ARIÉS, 1981)

Vale, no entanto, perceber que:

O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes. (ARIÉS, 1981, p.99)

Entre os séculos XIV e XVII a burguesia cria um traje especial para as crianças, diferenciando-as dos adultos. Nesse período nasce um novo sentimento de infância, pois a criança segundo Ariés (1981, p.100) “[...] por sua ingenuidade, gentileza e graça, se torna uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de “paparicação”. Pouco a pouco separam-se as crianças do ambiente dos adultos, resultando em outros sinais da compreensão da particularidade infantil, tendo a preocupação com a educação social da criança.

Passando a admitir que a criança não estivesse preparada para a vida, assim cabendo aos pais, a sobrevivência e a responsabilidade pela sua formação.

Fontana e Cruz (1997, p.7) afirmam: “Nessa época foi que se iniciou o costume de enviar crianças às escolas, as quais se ocupavam basicamente com o ensino da religião e da moral e de algumas habilidades, como a leitura e a aritmética”.

Só entre os séculos XVII e XX que se concretiza um novo sentimento de infância, que se preocupa com o psicológico, moral da criança, sem esquecer a ternura e a inocência em algumas camadas da sociedade. Os ex-alunos/as investigados tiveram suas infâncias nesse contexto, onde suas particularidades já eram de certo modo compreendidas. Isso no que diz respeito ao estudo quando as crianças transformam-se em alunos. (SARMENTO, 2000)

Este estudo está vinculado à linha de pesquisa: “Educação, Cultura e Ambiente” que tem o “estudo voltado à compreensão do desenvolvimento humano, que visa à educação como processo de construção histórico-social” e aos eixos temáticos: “Educação Ambiental e Patrimonial”, “Memória, Infância e Sociedade”.

Compondo o referencial teórico utilizado há também discussões que tratam da história da educação e bibliografias que mostrem a história local, ou seja, do bairro em que está inserida a escola pesquisada, o bairro São Roque.

O trabalho está dividido em dois capítulos:

Abordaremos no primeiro capítulo como era o bairro e como foi o movimento comunitário na época para a instalação da escola, evidenciando sua construção.

No segundo capítulo apresentaremos por meio das lembranças dos entrevistados a reconstrução de alguns aspectos escolares vivenciados pelos mesmos.

Pretendemos com este trabalho de reminiscências, contribuir para a história da educação de Criciúma, uma vez que há poucos estudos sobre a história das escolas municipais embora o Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação – GRUPEHME já tenha publicado três cadernos sobre as escolas municipais.

2 O BAIRRO SÃO ROQUE, A CRIAÇÃO DA ESCOLA E A INVENÇÃO DOS ALUNOS.

Com o objetivo de perceber como a escola se apresentava nas lembranças de três ex-alunos/as da Escola Isolada Capela de São Roque que estudaram entre 1940-1950, por meio das memórias obtidas pelas entrevistas, é importante num primeiro momento apresentarmos um pouco da história do bairro em que esta escola estava inserida, contextualizando o lugar.

O bairro São Roque está situado no município de Criciúma/SC, localizado na zona sul, se limita com a cidade de Forquilha, com as comunidades de Verdinho, Sangão e Capão Bonito.

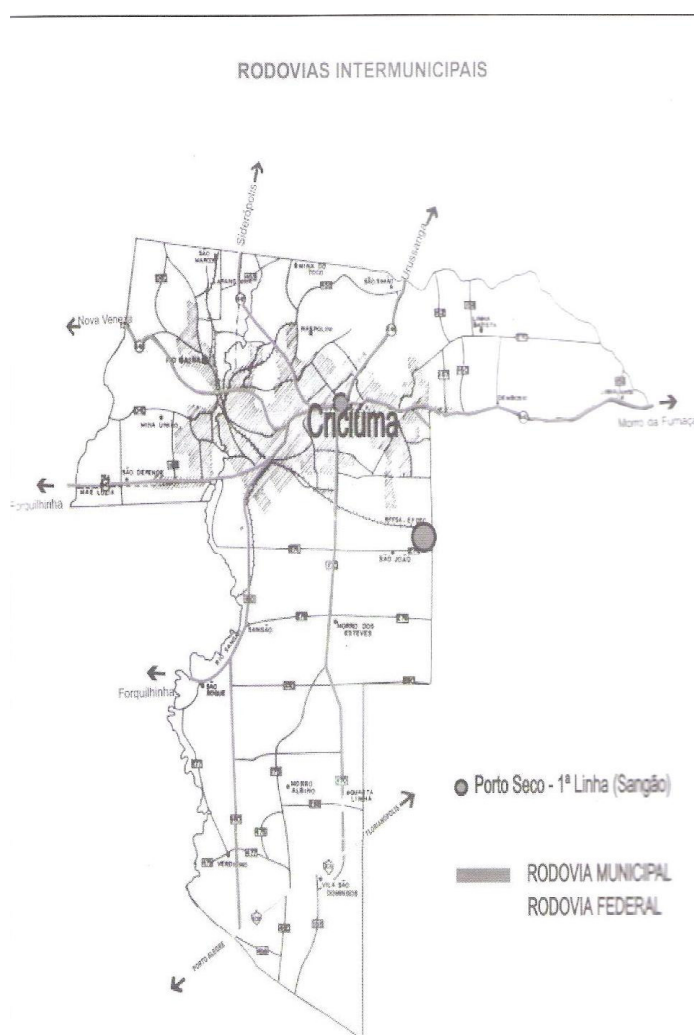


Figura 1: Mapa com a localização do bairro São Roque.

Fonte: BORSATTO (2003 p.15)

Enfocaremos a seguir como foram os movimentos para a sua fundação. Criciúma recebeu uma grande leva de imigrantes vindos da Europa, que vieram para essa localidade com o propósito de ocupar e cultivar as terras férteis existentes. Pois no século XIX uma política de incentivo a imigração foi criada pelo governo, onde segundo Oliveira (2002, apud COSTA, 2005, p.18):

O imigrante, além de vir preencher uma demanda de braços para o trabalho, teria o papel de contribuir para o branqueamento da população, ao submergir na cultura brasileira por meio da assimilação [...] e, buscava atrair estrangeiros para povoar e colonizar os vazios demográficos, o que permitiria a posse do território e a produção de riquezas.

Com essa propaganda e apelo feito pelo governo, os diferentes povos (etnias) vieram para o Brasil, assim se deslocando para várias localidades; chegando até Criciúma uma leva de imigrantes italianos, poloneses, alemães. A ocupação de São Roque deu-se em 1904 por imigrantes italianos e descendentes que haviam a princípio ocupado terras em outras localidades; famílias como Frasson, Izé, De Luca, Minotto e entre outras como cita Borsatto (2003).

O bairro São Roque recebeu essa denominação pelas pessoas que se instalaram nessa localidade, esse nome foi escolhido por ser o nome de um santo protetor contra a peste “Roque”.

Segundo Borsatto (2003, p.26) “A devoção do santo entrou no Brasil, por mérito, sobretudo, dos imigrantes italianos, pois há vários séculos, na Itália, São Roque é um dos santos mais popular, invocado especialmente contra epidemias, tão freqüentes no passado”.

São Roque passou a ser o padroeiro da comunidade, que o homenageia todos os anos com uma festa religiosa na capela no dia 16 de Agosto.

Os moradores que aqui se estabeleceram, eram famílias que traziam a cultura da Itália e tinham como religião o Catolicismo. Então para que pudessem praticar essa fé, construíram uma pequena igreja onde faziam suas orações, tradição esta vinda de seu país. A religiosidade das pessoas dessa comunidade era tão praticada que segundo Borsatto (2003) o padre era muito respeitado, pois quando passava pelas pessoas nas ruas, as mesmas se ajoelhavam onde estivessem, tiravam o chapéu em sinal de respeito ao religioso. Mas com o aumento da população da comunidade, está igreja passa a ficar pequena para todos, então “em 1941 a primeira igreja foi demolida” (BORSATTO, 2003, p.28).

No mesmo local e no mesmo ano da sua demolição foi iniciado a construção de outra capela com a ajuda da comunidade que doava produtos de suas colheitas (ovos, galinhas, queijos). Com esses produtos eram feitos leilões onde as pessoas das comunidades vizinhas vinham para arrematar esses produtos para juntar fundos para a construção de uma nova igreja. (BORSATTO, 2003)

A igreja foi toda decorada com pinturas de Pedro Cechet. Ele era conhecido como pintor andarilho, ficava nas comunidades até terminar suas pinturas. Esse artista também foi quem pintou a igreja de uma comunidade vizinha a São Roque, o bairro Verdinho, como escreve Virtuoso (2007, p.27) “Tal informação pode ser confirmada pelo depoimento de Gilberto Costa: ‘A primeira igreja era pintada pelo Pedro Cechet’”.

Segundo Borsatto (2003) em 1947 com o término da construção da capela, receberam a notícia que haveria missões na comunidade, onde os moradores de São Roque e de outras comunidades vizinhas participaram ativamente.

Esta igreja continua até hoje com estas gravuras, no entanto, a igreja teve que passar por algumas restaurações, e foi tombada pelo poder público municipal em 2003.

As atividades econômicas na comunidade eram poucas, pois como o bairro era pequeno com poucas casas, o comércio não se desenvolvia. Mas o Sr. Valdemar Minotto¹ recorda como era o bairro nessa época, tinha poucas casas e uma afastada da outra.

Casa tinha só essa casa de madeira que era do meu pai e tinha casa dos Serafim também era de madeira e na mesma casa tinha a ferraria do seu Giácomo Serafim. Logo mais pra baixo tinha a casa do seu Calisto Escotti uma casa de madeira que também tinha bar, fazia danças de vez enquanto, o bairro era muito pequeno, poucas casas.

Valdemar Minotto ao recordar de como era o bairro também se lembra de uma pequena venda que era de seu pai e que vendia produtos para as pessoas. “O bairro só tinha a casa de negócio do meu pai que era fazenda gênero alimentício, bebida, ah fornecia toda a colônia aqui na região, vendia mercadoria a prazo da colheita”.

¹ Entrevista realizada por Maria Helena Casagrande. Criciúma, 23/08/2010.

Nas reminiscências do Sr João Martinello² ao lembrar do bairro há poucos detalhes, pois a memória às vezes pode se embaralhar, não é algo linear, muitas vezes se precisa de algum evocador para que as lembranças surjam com mais facilidade.

“O bairro era a escola, uma venda como se dizia na época, um mercadinho e uma fábrica de banha, tinha uma ferraria e outra casa só ali no centrinho, era só isso”. (JOÃO MARTINELLO)

Segundo Borsatto (2003), a vida nessa localidade seguia seu curso, com os imigrantes convivendo em relativa harmonia. Mas seu pai Antônio Minotto logo demonstrou seus dotes de liderança quando, de comum acordo com os demais colonos da região, deram início ao projeto de construção de uma escola para a comunidade.

A primeira escola da comunidade foi construída por volta de 1920 é imprecisa essa data, pois não achei em nenhum local essa denominação exata, essa escola ficava localizada onde hoje está o centro comunitário João Paulo De Lucca, em São Roque.

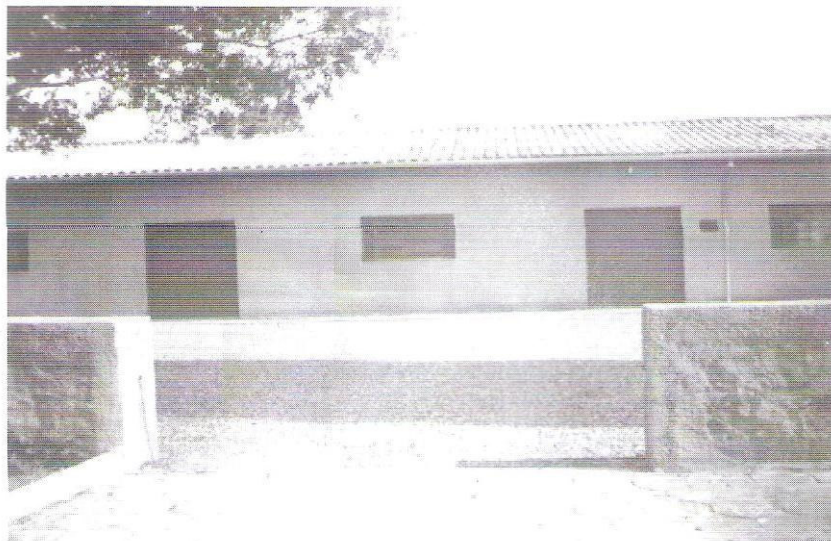


Figura 2: Foto atual do Centro Comunitário João Paulo De Lucca.

Fonte: BORSATTO (2003 p.20).

“Era uma escola de madeira, media 48 m², ou seja, uma sala de 6x8 metros. Na mesma sala de aula eram atendidos todos os alunos de 1^a á 3^a série³ no

² Entrevista realizada por Maria Helena Casagrande. Criciúma, 24/08/2010.

³ Maria Minotto Borsatto coloca de 1^a á 3^a série, pois atualiza suas lembranças de acordo com a denominação no momento que escreve, 2003; no entanto a denominação da época era 1^o ao 3^o ano.

mesmo horário e com uma professora, enquanto hoje há uma professora para cada série”. (BORSATTO, 2003, p.23)

Nas lembranças dos entrevistados a arquitetura da escola aparece como:

A escola era de madeira era uma salinha pequena estava localizada do lado da igreja onde hoje é o antigo centro comunitário foi desmanchada e foi com passar dos tempos ela foi transferida para um outro local onde o terreno era dum padrinho meu João Paulo de Lucca e foi construída uma maior de madeira hoje ela é uma escola de material muito bonita e esta localizada no mesmo local da de madeira. (Maria Minotto Borsatto)

Valdemar Minotto confirma o local:

“[...]a escola ficava lá onde hoje existe o centro comunitário ao lado da torre tinha a casa do padre quando o padre vinha rezar a missa ele ficava nessa casa, ele vinha a cavalo, e colocava o cavalo lá no “potrero” [pátio] dos De Lucca [...]” (VALDEMAR MINOTTO)

A presença do padre na escola encontra-se em outras lembranças.

Ainda aparece nas lembranças do Sr. João Martinelo, a visita constante de um padre na escola, pois durante esse período a sociedade era muito “submissa” a igreja, ainda mais nessa região onde a maioria das pessoas eram da religião católica.

Ah! todo mês tinha a visita de um padre que vinha na escola e a professora dava a ordem pra ele entrar, então ele vinha sentava em cima de uma carteira e ficava explicando, rezando e daí os de maior [crianças com mais idade] que já tinham feito a primeira comunhão, ele levava lá pra igreja pra gente se confessar, e o padre era o padre Clemente.

Tratamos, portanto, da interferência direta da igreja na escola, local que reunia as crianças, tornando-se mais fácil a catequese, isso é, a divulgação da doutrina católica nos primeiros anos de vida das pessoas.

Havia um vínculo muito forte entre a igreja e a escola, que vem desde o passado, desde o tempo que a igreja era a que comandava todos os grupos existentes na sociedade. Por meio da fala do Sr João Martinello, ainda podemos perceber que havia uma herança deixada pelos antepassados, onde essa questão de seguir a “risca” os princípios pregados pela igreja, era algo sagrado.

E era por meio da escola, que a igreja começava a catequizar as crianças com suas pregações. As pessoas acreditavam tanto em Deus nesse período, que praticavam a sua fé com receio de que se fossem contra os conceitos da igreja,

estariam sendo castigados por Deus quando morressem. A escola foi construída nessa localidade perto da igreja e ao lado da casa do padre, para que pudessem estar dando sempre orientações aos alunos e muitas vezes vigiando as aulas.

Mas em 1950 como relata Borsatto (2003) houve acréscimo do número de alunos matriculados, e a escola não comportava mais tantos alunos, então foi construído um outro prédio de madeira, com duas salas de aula, no local onde está a escola atualmente do bairro. “Após reuniões realizadas com a comunidade e a APP, ou seja, Associação de Pais e Professores por votação, a escola recebeu o nome de ‘Escola Reunida Antônio Minotto’, fundador da primeira escola”. (BORSATTO, 2003, p.24)



Figura 3: Foto atual da E.M.E.I.E.F. Antônio Minotto.

Fonte: BORSATTO (2003 p.23).

Rabelo, Lourenço, e Costa (2003) colocam que quando há o aumento do número de alunos, chegando a um professor (a) por turma, a escola recebe a denominação de Escola Reunida. Essas designações que passou a escola são denominações que se referem à estrutura do ensino vigente na época.

Por meio das lembranças relatadas pelos entrevistados/a podemos perceber que o bairro São Roque aos poucos foi se transformando e tornando-se uma comunidade mais populosa. Com a existência da escola na comunidade, as famílias passaram a morar aos arredores do bairro, pois as crianças precisavam ir para escola.

Com a invenção da infância, a escola passa a ser uma instituição diferente das que as crianças vivenciavam até então, ou seja, a família e a igreja. A

partir dos sete ou oito anos, a escola passa a fazer parte da vida das pessoas que entrevistei, mesmo que por pouco tempo⁴, mas a escola é um “rito de passagem na vida dos rememoradores” (COSTA, 2009, p.217).

Segundo Kuhlmann e Fernandes (2004, p.23) “A transformação da criança em aluno seria ao mesmo tempo a definição do aluno como a criança, nesse processo em que o critério etário torna-se ordenador da composição e da seriação do ensino nas classes escolares”.

Nessa nova etapa na vida da criança, os afazeres da escola seriam sua principal ocupação denominado por alguns autores como “ofício de aluno” (SARMENTO, 2000).

Etapa que trazia novas experiências na vida das crianças, pois muitas ainda não conheciam o “mundo das letras”, só o que tinham conhecimento até o momento era dos afazeres da casa ou muitas vezes, da roça, só a partir do momento que são enviadas para a escola que passam a ter novas tarefas a de praticar o “ofício de aluno” como é denominado por Sarmiento (2000):

O ofício de aluno aprende-se tanto nas salas de aula, na interação com os professores e os outros adultos que integram a vida escolar como os colegas da mesma idade nos espaços informais, nos recreios, na ida e vinda para as aulas, e no convívio cotidiano. As tarefas na sala de aula são relativamente codificadas e sistemáticas: ouvir, interrogar, ser interrogado, ler, escrever, fazer cálculos, desenhar, manipular instrumentos e objetos, dialogar quando convidado a isso, prestar provas, etc. (SARMENTO, 2000 p.127)

O próximo capítulo mostrará como era a rotina das crianças, ex-alunos/as da escola, por meio de suas lembranças.

⁴ As crianças ingressavam com oito anos de idade no 1º ano e ficavam por três anos na escola, pois não havia como prosseguir os estudos, pois não se oferecia além desse ano nessa escola.

3 A ESCOLA E OS ALUNOS/AS.

Neste capítulo apresentaremos as experiências dos ex-alunos/as na escola. Para tanto iniciamos com o tempo de entrar na escola e segue mostrando a rotina escolar.

A escola se apresenta na vida das pessoas entrevistadas nesse estudo como um dos espaços de sociabilidade, mas também um lugar onde teriam deveres e regras a cumprir, pois muitas vezes passavam por momentos de disciplina, tinham que prestar a atenção na aula e se caso fizessem algo errado que saia do padrão estabelecido eram castigados.

Para compor o passado de alunos e alunas da escola, utilizemos como anuncio na introdução a metodologia da história oral em função das dificuldades de outras fontes de pesquisa, mencionaremos apenas as lembranças como forma de preservar a memória.

Por meio das memórias das pessoas pode-se reconstruir um passado que muitas vezes se perdeu no esquecimento. Como afirma Meihy (1996, p.65) “Memórias são lembranças e, como tais, dependem das condições físicas e clínicas dos depoentes, bem como das circunstâncias em que são dadas”

Para análise das lembranças foi necessário o uso da categoria memória, entendendo que: “Memória não é simplesmente um exercício de lembranças; há muitas formas de lembrar e diferentes razões porque nos queremos (ou não queremos) lembrar”. (FENTRESS; WICKHAM, 1992; TONKIN, 1991, apud ERRANTE, 2000, p.143).

Segundo Teski e Climo (1995, apud ERRANTE, 2000, p.147) temos cinco diferentes categorias etnográficas de memória, uma delas é a “lembrança”, que segundo eles é a memória mais densa em detalhes, pois:

Quando nós pensamos sobre o passado e tentamos lembrar, por exemplo, o nome de nosso primeiro professor...nós tentamos descortinar o passado relembrando de uma forma mais completa e mais satisfatória. Nós estamos... não conscientemente tentando mudá-lo mas entender como era. Nós queremos acessar cenas que são reais no passado para preservar essas coisas em nossa experiência presente. (TESKI; CLIMO, 1995 apud ERRANTE, 2000, p.147).

Muitas vezes o que os entrevistados lembram, não está diretamente

ligado ao tema da pesquisa, pois lembram-se de outras coisas, muitas vezes fora do assunto indicado pelo entrevistador. Mas isso faz com que possamos entender um pouco melhor o contexto social descrito pelo entrevistado em suas narrativas. Segundo Errante (2000, p.150): “Os narradores não somente escolhem o que vão rememorar e contar a vocês, eles também participam negociando o contato da rememoração”

E ainda podemos encontrar depoentes, que não recordam alguns fatos, pois:

Memórias carregam em si um simbolismo que transcende o verdadeiro ato de contá-las. Rememorar frequentemente evoca sofrimento, e alguns podem preferir “guardar” a suas memórias como forma de evitar a dor. Para essas pessoas o passo entre as próprias memórias privadas e o ato de torná-las públicas pode ser difícil. (GOBODO-MADZIKIZELA, 1995, apud ERRANTE, 2000, p.155).

Foi por meio do uso da História Oral mediada pela memória, que os entrevistados/a rememoraram alguns fatos do passado, umas lembranças se apresentaram mais completas, com detalhes e outras se embaralhavam em alguns momentos, evidenciando o que os autores colocam como lembranças telescópicas (NORA, 1993).

3.1 Tempo de entrar na escola.

A idade de entrar na escola aparece junto à recordação do nome da escola, essa associação diz respeito a um mecanismo da memória que faz com que as pessoas necessitem de suportes de lembrança, realizando paralelos ao recordar.

Maria Minotto Borsatto⁵ narra: “O nome da escola era Escola Isolada Capela de São Roque, eu fui matriculada em 1944 somente com oito anos de idade [...]”.

Valdemar Minotto, irmão de Maria, reafirma: “Eu entrei na escola em 1940, estava com a idade de oito anos [...] A escola se chamava Escola Municipal da Capela de São Roque”.

Quanto ao nome da escola as lembranças do Sr. Valdemar Minotto,

⁵ Entrevista realizada por Maria Helena Casagrande. Criciúma, 24/08/2010.

pensamos que se contradizem e se reafirmam.

No âmbito da memória essas contradições podem ter alguns significados, ao falar que na época a escola se denominava municipal, pois as escolas eram nesse período responsabilidades dos estados não podendo ter essa denominação.

Segundo Mattos (1992 apud RABELO 2005, p.63), “ser possível reingressarmos numa verdade fechada do passado para contá-la de outra maneira, porque o passado não é um *continuum* passado, presente, futuro”. O passado não é devir abstrato do tempo, o passado são fragmentos, do passado só nos resta um “monte de tijolos”.

No entanto, ambos recordam do termo “Capela” junto ao nome da escola, o que nos mostra a relação intrínseca da igreja com a educação nessa época, questão esta que já foi abordada no capítulo anterior, quando aparece a lembrança da visita do padre na classe. Outra reflexão ligada a esse termo ao nome, pode ser o fato de o nome da capela desse local ser São Roque, o lugar poderia ser denominado na época de Capela de São Roque, fato que necessita investigação.

A Sra. Maria Minotto Borsatto descreve a escola como “Isolada” termo esse esclarecido por Rabelo, Lourenço, e Costa (2003 p.31) como aquelas “escolas com apenas uma classe e um professor ou professora, que atendem de forma multisseriada”.

Seria o caso desta escola, pois Sra. Maria Minotto Borsatto lembra-se que “[...] as séries que estavam nessa escola era de 1ª á 4ª serie, e todos os alunos estudavam na mesma sala [...]”.

Já nas memórias do Sr. Valdemar Minotto Borsatto que entrou na escola quatro anos antes de Maria diz que na sala de aula “era 1º, 2º, 3º grau era tudo numa sala só”. Neste momento as lembranças da Sra. Maria Minotto se reportam a idéia de série, pois as memórias podem ser turvas e se confundirem em alguns momentos com o presente.

Não podemos esquecer que um dos mecanismos dos trabalhos de memória é a atualização. No momento que recordam é comum reportarem-se as classes escolares divididas em séries e os níveis de ensino em grau. Por isso, usam esses termos para identificarem as classes escolares que estudam.

Podemos perceber que os alunos naquela época também entravam na escola somente com oito anos, não podiam entrar antes de completar está idade conforme as falas dos entrevistados, era uma educação mais tardia, não como é

atualmente que as crianças entram na escola desde os seis anos.

Conforme o que diz na lei 9394/96, no seu Art.32: “O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão”. (Redação dada pela Lei nº. 11.274, 2006).

Na história da educação brasileira, referente à idade de entrar na escola, percebemos que antes de 1930 não era uma questão pensada pelos governantes, pois segundo Parente (2008) foi só na constituinte de 1933/34 que aparecem a idéia que defendia o estabelecimento de um sistema de ensino completo, com uma estrutura orgânica, recomendado a educação integral, sem distinção de sexo, uma educação única e leiga para todos. Onde a educação primária de sete a doze anos deveria ser gratuita e obrigatória.

Ainda Parente (2008) diz que foi só em 02/01/1946 no Decreto-Lei nº. 8.529 que nacionalmente se definiu a idade mínima de entrar na escola como sete anos.

Conforme o que diz ainda Parente (2008), foi só em 1933/34 que começou-se a pensar em instituir uma idade mínima para as crianças irem a escola, mas, nessa comunidade isso não ocorreu pois segundo os entrevistados/a desta pesquisa só foram para a escola com a idade de oito anos.

A partir dos estudos sobre a história da educação constatamos que a idade de entrar na escola foi se construindo durante o decorrer da história da escolarização das crianças.

Quando ingressaram na escola, o novo ofício, o “ofício de aluno”, apresentava algumas dificuldades.

3.2 Lembranças de dificuldades

As memórias sobre as experiências de dificuldade que tiveram ficaram marcadas em suas lembranças, por isso, lembram dos momentos difíceis que passavam até chegar na escola.

Uma das dificuldades relembra foi a distância de algumas moradias em relação a escola pois, para a escola vinham alunos dos arredores do bairro,

conforme recorda o Sr. João Martinello: “Nóis [nós] iamos pra escola da Terceira Linha Sangão, nóis [nós] iamos a pé, eram quatro quilômetros de distância pé no chão, na época não tinha calçado [...]”

Por meio dessa lembrança observamos a dificuldade de se deslocarem até a escola nesse período, uma vez que moravam em localidades muitas vezes afastadas da mesma. Constatamos que a maioria das famílias não tinha condições de pagar transporte que nessa época predominava o transporte animal (cavalos e carroças), e nem se tinha condições financeiras para comprar sapatos para todos os filhos, pois geralmente eram famílias grandes, com muitos filhos.

Volpato (2005) mostra uma realidade parecida com que acontecia com os alunos da escola do bairro São Roque em outra localidade de Criciúma, Linha Batista. Segue trecho de uma das entrevistas realizadas pelo pesquisador, trata-se das lembranças do Sr. Casemiro Tibincoski:

O interessante é que a escola era lá em Linha Torrens e a colônia polonesa era na Linha Batista. Era longe, mas nós íamos, mesmo no inverno, frio, íamos descalços. Se fosse hoje para fazer este sacrifício. Quando geava, esfriava muito os pés e nós entrávamos num córrego que era baixinho, para esquentar os pés, de tão gelado que ficava. Hoje ninguém mais sabe o que é sacrifício. Hoje é um paraíso. Nós, com oito anos, também já íamos para a roça. (VOLPATO, 2005, p.83)

Portanto, essa realidade não fazia parte apenas das famílias que moravam nos arredores do bairro São Roque, nesse relato fica evidente que outras crianças também passavam algumas dificuldades na infância para ir para escola que ficava longe de suas casas, isso acontecia em virtude de não haver escolas em todas as comunidades.

Na escola “Honório Dal Toé” que fica localizada no bairro vizinho à comunidade de São Roque, temos um relato de Rabelo (2007, p.37) afirmando o que foi falado sobre a distância das escolas de suas comunidades em que diz: “Quando não havia escola na comunidade, as crianças tinham que estudar no São Roque e andar, em média, cinco quilômetros todos os dias, para chegar à escola”.

Também notamos nesses relatos que as crianças iam para a escola sozinhas, não havia um acompanhamento por um adulto, naquele tempo parece, que não existia tantos perigos⁶ como temos hoje.

⁶ Naquela época existiam perigos sim, mais não iguais aos que temos atualmente, como atropelamentos, crianças sequestradas e violentadas.

Por meio das lembranças do Sr. João Martinello, podemos fazer uma relação com a época estudada, pois nesse tempo os meninos não eram tão vigiados pela família, eles podiam andar por localidades às vezes distantes de sua casa, as meninas sim eram mais vigiadas, viviam sempre perto da mãe, não se distanciavam tanto de sua casa.

Segundo Ariés (1981 apud Dembogurski e Silveira 2010) “cita que esta separação entre meninos e meninas nas brincadeiras inicia-se após as idéias difundidas pelos moralistas do século XVI e XVII preocupados com a ‘moralização’ da infância”.

Mas, ainda hoje há uma separação entre meninos e meninas, não tão rígida como era antes, mas ainda em algumas famílias, se observa que meninas não brincam com brinquedos de meninos, ou se escuta a fala “isso é coisa de menino, ou de menina”, fica ai uma herança desse tempo.

Podemos refletir então, que uma das dificuldades era com relação a ser menina, a distância das escolas poderia implicar em sua não freqüência as mesmas.

Outra marca nas lembranças dos ex-alunos/as foram as que dizem respeito as suas professoras.

3.2 Lembranças das professoras

As primeiras professoras marcam a vida de muitas crianças, às vezes como lembranças positivas, outras vezes lembram delas por serem recordações traumáticas.

As professoras vinham de outras localidades muitas vezes de muito longe, tendo que se hospedar na casa das famílias dos alunos que morassem perto da escola; e foi o que aconteceu nessa localidade.

Durante o período estudado também era muito comum haver homens alfabetizadores, como aconteceu no Grupo Escolar Núcleo Hercílio Luz, Rabelo, Lourenço, e Costa (2003) afirmam que o primeiro professor foi um homem que se chamava João Zanette, seguido pelo professor Lombardi. No caso de São Roque porém as primeiras professoras foram mulheres.

Sra. Maria Minotto Borsatto recordou das professoras que teve durante

sua vida escolar e também de algumas professoras que deram aulas para seus irmãos mais velhos.

A primeira professora foi a dona Emerentina da Silva, a segunda professora eu lembro que foi a dona Josefa, não, a dona Alberti; Josefina Mastela Herman o nome dessa professora, e lembro dessas professoras somente quando os meus irmãos estudavam. Só que depois com o passar dos tempos não lembrei mais das professoras, lembro muito bem da minha professora que era uma professora que morava em Florianópolis, foi designada para a escola de São Roque e o nome dela era Maria das Dores Hipólito Chagas, ela também se hospedava na casa de meu pai que era o Antônio Minotto, porque não havia nenhum local para elas ficarem estabelecidas.

Percebemos que a Sra. Maria Minotto ao falar das professoras do tempo de seus irmãos, se transporta para um passado onde os acontecimentos, relatos e ensinamentos eram passados por meio da oralidade que denominamos como história oral, para os mais novos, e era muito valorizada a memória passada de pai para filho, como é apontado por Meihy (1996) ao falar que toda história antes de ser escrita passou pela oralidade.

Mas, hoje a sociedade não tem mais tempo de escutar histórias, ensinamentos e lembranças, momentos estes que estão de alguma forma marcados na memória dos mais velhos. Conforme o que diz Virtuoso (2007, p. 30) “Na sociedade “moderna”, a tecnologia vem substituindo os espaços de memória e, nela, a oralidade está sendo usurpada; conseqüentemente, numa sociedade sem memórias, não há espaços para o narrador”.

Nessa época, também era comum às professoras se hospedarem na casa de famílias que morassem perto da escola, pois muitas vezes vinham de outras localidades, e como nesse período a maioria das estradas eram picadas feitas pelos moradores das regiões, ficava difícil estarem indo para suas casas, por esta razão se hospedavam na casa de alguém da comunidade. A exemplo da primeira professora que é citada por Borsatto (2003) veio de Tubarão, e morava com seus pais para lecionar em São Roque.

Como foi mencionada no primeiro capítulo a maioria da população de São Roque, no período pesquisado eram descendentes de Italianos e todos tinham como religião o catolicismo, existia naquela época um racismo muito forte e também não se aceitava outra religião a não ser a católica. Essa realidade fica evidente na lembrança de um dos entrevistados ao recordar da presença de uma professora de

fé diferente da católica.

[...] daí veio a história da professora, porque aqui a professora era “preta”, porque a professora anterior a essa, Maria das Dores, ela não era católica, era de outra religião. Então o pessoal da comunidade se reuniu pra tirar ela do serviço, então ela disse que sairia, só que ela ia mandar uma professora bem preta, mas bem negrona, então foi o que ela mandou, a senhora Maria das Dores Hipólito da Silva, que veio de Florianópolis. (JOÃO MARTINELLO)

Essa fala nos remete a pensarmos nas tensões em torno da questão étnica e das relações estabelecidas com os diferentes. Cunha (1986, p.67 apud VIRTUOSO, 2007, p.26) faz uma análise sobre a “substância da etnicidade”, refletindo sobre suas transformações no decorrer de várias temporalidades. No final do século XIX meados do século XX, a etnicidade foi pensada como uma definição biológica da divisão racial.

Com os imigrantes europeus estabeleceu-se um certo racismo, onde se observa que uma etnia tenta ser superior a outra; de início se pensava que uma etnia poderia ser mais inteligente que a outra, mas já no século XXI como aponta Virtuoso (2007, p.26) houve “um novo entendimento a respeito da raça humana: todos os seres humanos são biologicamente iguais. As únicas diferenças reconhecidas entre os mesmos estão pautadas no fator cultural”.

A questão étnica, que envolveu conflitos entre os descendentes de italianos que ali residiam, e os afro-descendentes que nesse caso era a professora que iria ensinar os filhos dos membros da comunidade, fica evidente nas lembranças da infância do Sr João Martinello que os afro-descendentes sofriam um preconceito por causa da sua etnia.

A questão étnica era muito forte antigamente, tão forte que foi uma das lembranças mais significativas quando reportaram as primeiras professoras.

Também na escola existia essa prática da separação, onde meninos e meninas partilhavam do mesmo espaço físico, mas na rotina escolar nunca ficavam juntos.

3.3 Lembranças da rotina escolar

Muitos detalhes envolvem as recordações da rotina escolar como as filas separadas por gênero e o culto aos símbolos nacionais.

Quando os alunos chegavam à escola, não entravam de qualquer jeito, tinham que fazer fila por tamanho, meninas de um lado e meninos de outro.

A questão de gênero (separação de meninos e meninas) aparece nas experiências dos alunos que freqüentaram a escola durante o período estudado, foi utilizada durante muito tempo. Sabemos por exemplo, que houve um tempo em que os meninos e as meninas estudavam em salas de aula diferentes, meninos com professores homens e meninas com professoras mulheres, era uma educação diferenciada para ambos. Mas, nas escolas de turmas multisseriadas que se atendia todos em uma sala só, dividia-se as meninas e meninos em filas diferentes, também utilizava-se o método de escrita nos diários também separados por gênero, assim a escola “reforçava a separação dos gêneros” conforme Costa (2009 p.233).

Depois da fila também ficou marcado nas memórias dos entrevistados que tinham que hastear a bandeira e cantar o hino nacional em posição de “sentido”, pois nessa época era muito forte a disseminação do patriotismo, os alunos aprendiam a cantar o hino nacional desde pequenos.

Conforme Rabelo (2007, p.50)

Isso nos remete para o processo desencadeado em nosso país, no momento da ascensão de Getúlio Vargas à Presidência da República, quando as instituições brasileiras desempenharam um forte papel no estímulo ao nacionalismo, proclamado intensamente pelo Presidente que tinha “defesa dos interesses nacionais”, o principal mote de seus discursos.

Então, para que o governo alcançasse seus objetivos e a população não se revoltasse contra as práticas estabelecidas na época, nada melhor do que ir moldando as crianças desde cedo. Pois estas crianças seriam os adultos de amanhã, por meio disso entendemos que a escola seria o melhor lugar, para estabelecer as práticas de civismo ao país.

Depois então, quando a professora autorizasse, os alunos podiam entrar para sala de aula.

Na sala de aula, as carteiras não eram individuais como as atuais, como nos conta a Sra. Maria Minotto Borsatto: “Na época as carteiras não eram individual eram carteiras enormes algumas carteiras podiam sentar de seis oito alunos, com o tempo eles fizeram umas carteiras menores para cada dois alunos [...]”.

Observamos que essa mudança foi necessária, pois com a proximidade das carteiras, os alunos tinham uma maior facilidade de estarem conversando, e até às vezes se cutucavam uns com os outros segundo relatos dos entrevistados; assim como eram mais de uma turma em uma única sala e com diferentes idades, a professora tinha dificuldade em estar controlando os alunos e fazendo com que prestassem atenção na aula.

Na sala de aula havia a separação entre meninos e meninas, cada um em um canto da sala, assim acontecia em todos os momentos de convivência na escola, era sempre separado, nunca brincavam juntos.

Na época os alunos não desfrutavam de muitos materiais escolares. Mas, os materiais escolares foram lembrados com saudades, algumas pessoas nem sabem que esses materiais foram usados na educação de muitas crianças. A professora tinha uma lousa grande que ficava na frente, e os alunos copiavam cada um na sua lousa individualmente. Só que os alunos tinham que prestar muita atenção e tentar aprender “rápido”, pois o que era copiado logo depois deveria ser apagado para copiar um outro conteúdo na lousa.

Para nós escrever na sala de aula, nós não usávamos caderno, era usado uma lousa. Essa lousa era estilo de um quadro como é hoje, só que a gente escrevia na lousa e a gente apagava quando a professora ensinava apagava, e quando ensinava outra coisa apagava, fazia na mesma lousa, e apagava de novo. (MARIA MINOTTO BORSATTO)

A Sra. Maria Minotto Borsatto ainda relata que na época era utilizada uma cartilha para que aprendessem a ler. “Na época era usado uma cartilha a cartilha do B A BA então, quem não conseguia ler aquelas frases havia os outros que sabiam melhor que eram mais estudiosos, eles ensinavam os colegas no recreio [...]”.

Notamos nessa fala da entrevistada que nessa época atribuía-se classificação aos alunos, os mais inteligentes eram quem ensinavam os outros “menos” inteligentes, realizava-se então, uma “rotulação” aos alunos.

Por outro lado, é importante assinalar que entre os pares, isso é, entre os alunos estabelecia-se trocas, não era apenas a professora quem ensinava, mas os colegas também se ajudavam. Promovendo momento de troca e de solidariedade.

Sr. João Martinello lembra ter estudado outras matérias como história, geografia, matemática e alguma coisa de religião. Mas em uma de suas falas ele relembra de um fato muito interessante que ficou marcado em sua memória, pois

lembrou com muita clareza desse momento, que foram os momentos de higienização, onde a limpeza corporal era revistada todos os dias.

“[...] ai vez enquanto tinha como que se diz, ah! Tinha que fazer “forma” [fila] pra limpeza como que se diz saúde, nós fazíamos isso também. Nós fazíamos exame da limpeza, de piolhida, da unha encardida, a mão, tudo isso aí era feito já na época”.

E perguntado por quem era feito essa revista, Sr. João Martinello diz ser pela professora, e quem não estivesse de acordo com as normas estabelecidas de estar tudo limpo: “[...] tinha que ir lá no banheiro, mas banheiro não existia, tinha uma bacia de água lá quando tinha, banheiro era uma patente lá no meio do mato, banheiro naquela época nem se falava”.

A higienização dos corpos fazia parte do currículo estabelecido nessa época para as escolas, pois fazia parte da política educacional do presidente Vargas. Na época não se tinha condições e remédios como temos hoje, as condições das famílias eram precárias, muitas vezes não tinham recursos para combater o piolho, bixo de pé etc. Com esse método assistencialista sendo utilizado pelas escolas, as crianças estariam aprendendo a cuidarem de seu próprio corpo.

Na comunidade vizinha a São Roque, no bairro Verdinho essa prática era denominada como “Pelotão da Saúde”, onde um grupo de alunos que eram escolhidos recebia a orientação do professor para estarem fazendo esta “revista” nos outros colegas, meninos revistavam meninos e as meninas revistavam as meninas, em alguns casos eram encaminhados ao pais. (LOURENÇO, 2007).

Ainda, o Sr. João Martinello lembra-se de um outro momento que participava na escola, que era o “dia do trabalho” assim denominado por ele.

[...] dia do trabalho que nós fazíamos trabalho. Nós tínhamos que levar uma tábua. Ai a gente desenhava ou fazia uma casinha ou fazia um boneco ou fazia um cavalinho, um boi, um carrinho qualquer coisa, tudo feito. Quando era pra cortar, teria que ser no canivete, tinha que levar o canivete, e daí era meio proibido até o canivete na época, então de vez enquanto apanhava por ter aquilo, por que a professora fazia a revista daí achava o canivete no “borso”[bolso] daí tomava, bolinha de vidro também ela tomava [...]

A recordação do Sr. Martinello mostrou que “o dia do trabalho”, não era a comemoração dessa data, mas uma aula de trabalho manual.

Nessas lembranças é fortemente observada a figura do menino já aprendendo a fazer trabalhos manuais.

Começava aí uma preparação para o trabalho do futuro adulto, pois naquela época predominava muito o trabalho nas serralherias, marceneiros e na agricultura.

Na hora de ir para casa, os alunos faziam a mesma coisa, arriavam a bandeira e cantavam o hino nacional novamente, só assim podiam estar indo para casa.

Sra. Maria Minotto Borsatto nos relatou um momento de saída da escola onde o sino da igreja era utilizado como relógio.

[...] o sino da igreja batia sempre no horário certo, ao meio dia, quando batia o sino os alunos deviam se preparar para sair, mas não sair correndo, sair em fila direitinho e quando eles estavam lá fora todos na fila a professora só gritava “debandar” daí o aluno podia sair da fila e ir embora.

As lembranças do cotidiano da escola ficaram marcadas nas memórias dos entrevistados, momentos estes que eram de interação e também de separação entre meninos e meninas. Mas, algo que suas memórias revelaram com detalhes eram as práticas utilizadas para a obediência aos adultos.

3.4 Provas e castigos

O momento das chamadas “provas”, avaliações, tem sido para muitas pessoas momentos de angustia, pois, a pressão exercida marcou dolorosamente algumas lembranças. A memória pode evocar sofrimento, pois pensando nas provas, talvez seja algo que não lhe traga boas recordações, como mostra Gobodo-Madzikizela, (1995 apud Errante 2000) ao falar das lembranças negativas que a memória carrega em si um simbolismo que transcende o verdadeiro ato de contá-las, podendo evocar sofrimentos .

Nas lembranças da Sra. Maria Minotto Borsatto ela faz um pequeno comentário da prova que era aplicada para os alunos, a chamada “Sabatina”, era feita no final do mês ou nos finais de semana.

No período estudado a prática de ensino que era adotada pelo professor era a educação tradicional, onde o conhecimento partia do professor, era só o professor que o detinha, não era valorizado o conhecimento que o aluno já tinha, o

conhecimento acontecia a partir do professor, e não numa troca de conhecimento entre alunos e professores.

Essa prática se estabeleceu durante anos nas escolas, inclusive na escola de São Roque, onde os alunos eram ensinados por meio de um conhecimento pronto, que era transmitido pelo professor e recebido pelo aluno.

As avaliações eram práticas existentes nesse período, nessa prova os alunos iriam “jogar para fora” o que depositaram em suas memórias, muitas vezes tiveram que aprender sobe a pressão de estar recebendo algum castigo.

Na escola Casemiro Stachurski, segundo Lourenço (2005, p.49) “A avaliação da aprendizagem se dava, principalmente, por meio de provas. Até a década de 1970, para avançar na carreira escolar, os alunos realizavam provas tendo um professor como avaliador – eram as ‘bancas de exames”.

Na escola citada acima não aparece a denominação de inspetores, mas na época era constante a visita dos inspetores escolares nas escolas. Eles vinham para ver como estava sendo ministrado o ensino, e muitas vezes aplicavam as provas para aprovação dos alunos. Mas, nas reminiscências dos entrevistados, a prova não teve tanto significado. Porém algo que sua memória não deixou esquecer foi o fato de na época aprenderem pelo “medo” de receberem castigos. A Sra. Maria Minotto Borsatto lembrou que nunca recebeu castigo, porque era comportada, mas em sua memória está registrada os castigos que os colegas recebiam:

Eu nunca tive nenhum castigo porque eu era comportada na sala de aula não fazia bagunça. Só que vários colegas recebiam castigos, o castigo era assim: colocar milho debaixo do joelho, ficavam ajoelhados ou então ficavam cheirando parede. Depois às vezes quando eles faziam bagunça um pouquinho menor, eles colocavam a mão em cima da carteira e a professora dava uma reguada em cima das mãos deles.

Os alunos passavam por momentos muito difíceis, pagavam os “erros” com seu próprio “corpo”.

Esse momento era de frustração para muitos alunos, naquela época por um simples “erro” podiam sofrer um puxão de orelha ou uma réguada na palma da mão, ou até ficar ajoelhado por algum tempo em cima de um pouco de milho, ou ainda cheirar a parede em um canto, essas são algumas passagens que os entrevistados/a relataram durante suas entrevistas.

[...] o castigo era com milho, quem brigava na rua entrava na escola e já ia

pro castigo, botavam um punhado de milho embaixo do joelho e tinha que ficar ajoelhado em cima do milho, e quando terminava tempo de quatro cinco minutos, ela ainda dava uma réguada na mão da gente, e dizia: não briga mais! porque tu volta pro castigo de novo. Muito puxão de orelha a gente ganhava [...]. (VALDEMAR MINOTTO)

O castigo foi uma prática utilizada nas escolas durante muito tempo, e visto como algo normal pelos familiares dos alunos, pois os pais faziam à utilização dessa prática em casa, e também apoiavam os professores, quando estes aplicavam os castigos a seus filhos. Nessa época, as pessoas pensavam que só com esse “corretivo” dado as crianças, elas iam aprender, em alguns casos a criança recebia o castigo na escola e depois também em casa.

Os alunos recebiam castigos por vários motivos, por fazerem bagunça não obedecer a ordem dada pelo “mestre” e também muitas vezes por não conseguir entender ou aprender o conteúdo passado pela professora.

Leila Lourenço apresenta a contribuição do filósofo Michel Foucault a partir da obra de Gregolin (2004):

Em Vigiar e Punir (1975), mostra que, nos séculos XVII e XVIII, junto com a aparição da arte do corpo humano, houve a descoberta do corpo como objeto transformável em eficiência e alvo do controle. É o que ele denomina de “momento das disciplinas”. Desde então, os mecanismos disciplinares que organizam os corpos nas prisões, nos hospícios, nos quartéis, nas empresas, nas escolas etc. tomam a forma social mais ampla de uma sofisticada e sutil tecnologia de submissão em movimentos, gestos, silêncios que orientam o cotidiano. (grifos da autora) (LOURENÇO, 2007, p.63)

Dessa forma, a escola passa a disciplinar os corpos e a controla-lós por meio da prática dos castigos físicos, tornando-o como diz Foucault (1987), corpos “dóceis”. Nas reminiscências de Sr. João Martinello, aparece outro modo de controlar os alunos, fazendo com que sofressem outro tipo de dor.

A professora pra mim ela não deu, mas ela botava pimenta na boca do cara. Ih! Ela tinha essa pimenta guardada no armário, mas eu não cheguei [a provar] ela não tinha muita raiva de mim, ela gostava de mim. (JOÃO MARTINELLO)

Nessa lembrança, Sr. João Martinello ao rememorar a prática utilizada pela professora, faz uma referência, dizendo que a professora gostava dele, assim não recebeu castigos severos na sua vida escolar. Pensando nisso, podemos fazer o seguinte questionamento: será que só levavam castigos, quem a professora não

gostava? O que levava as professoras a simpatizarem mais por alguns alunos e por outros, menos? O que significa a fala “gostava de mim” do Sr. Martinello? O que ocorre como foi mencionado anteriormente ao reportar a prática pedagógica das “provas”, também diz respeito aos castigos. Ambas as práticas dizem respeito à pedagogia tradicional, acreditava-se que poderia se educar por meio dos castigos físicos e também por humilhações, como colocar orelha de burro, no aluno que não sabia a lição, ajoelhar-se no milho. Práticas que não desapareceram totalmente de nossas escolas, mas que se transformaram. Ainda nos dias de hoje a criança mais querida pode ser aquela que não faz bagunça e aprende com facilidade.

Outra questão que aparece nas falas dos entrevistados/a e que foi citado anteriormente diz respeito ao preconceito racial que havia nessa comunidade. O Sr. João Martinello em suas lembranças, conta um dos momentos que passou na sala de aula, por conta de uma fofoca preconceituosa de um colega.

[...] Uma vez, Idalino Vitali bem “pequininho” assim, bem “encaruchadinho”, ele me botou num fogo! Ele disse não sei por causa do que, pra professora que eu tinha chamado ela de “negrona”. Daí o que ela fez? [ela disse]: eu vou te deixar de castigo; Aí, tá, quando foi na hora do meio dia ela soltou os outros e eu fiquei de castigo. Digo [pensei] é hoje que eu vou apanhar, mas não, daí a pouquinho, ela já me soltou [...].

Como vimos anteriormente o racismo, e a questão étnica fazia-se muito presente neste período, onde uma etnia queria sobrepor à outra, na fala acima, fica evidente a questão do racismo predominante até nos dias atuais, onde o passado ainda deixou algumas marcas nas reminiscências do Sr. João Martinello.

Percebemos que as crianças desde pequenas já tinham a consciência de que se chamassem a professora dessa maneira, ela iria se irritar e colocar alguém de castigo; pois o castigo para as crianças era como se fosse estar aprisionados dentro da própria sala de aula, pois em primeiro momento as crianças seriam “corrigidas” a base do castigo e depois de algum tempo seriam soltas, questão essa igualada a uma prisão.

Mas, castigos, surras, não era algo apenas da escola, em casa os pais também, em alguns momentos castigavam fisicamente seus filhos, essas crianças eram de certa forma ensinadas a obedecerem a olhares. Quando o pai, que na época era o patriarca da família, olhasse firme, os filhos já deveriam saber o que o pai estava querendo dizer, e na escola a professora com o barulho das réguas

dadas na mesa, os alunos automaticamente já deveriam se orientar.

Sra. Maria Minotto Borsatto ao revirar suas memórias, relembra da história de um colega de turma, que passou por um desses momentos de surra dada pelo pai:

Certa vez um aluno começou a gazeir a escola, as aulas. Aí o irmão dele um dia disse assim, [...] a professora perguntou para o irmão dele:- Fulano porque o outro não vem pra aula? Faz uma semana que ele falta. [ele respondeu]:- não sei dona Maria. Aí ela escreveu um bilhetinho pro pai do guri. Ele [o pai] soube que o menino não vinha pra aula. O menino se escondia num matagal, quando o irmão ia embora ao meio dia, ele ia junto pro pai não desconfiar. Só que depois do bilhete recebido, o pai deu um castigo muito grande pra ele, deu uma surra e trouxe o guri pra aula sem que ele quiser. Daquela data em diante ele nunca mais faltou. (MARIA MINOTTO BORSATTO)

Essas práticas utilizadas pelos professores na época, faziam com que muitas vezes as crianças tivessem que conter seus desejos de qualquer criança, pois se deixassem fluir esses desejos seriam castigadas. Mas nem só de restrições viviam essas crianças, havia alguns momentos em que esqueciam a sala de aula e podiam deixar suas vontades vir a tona, era no período do recreio, onde brincavam, conversavam, pulavam e se divertiam com os colegas.

3.5 O recreio: Tempo furtivo da vida escolar

O recreio como um tempo de escape da rotina escolar também emergiu nas lembranças trazendo os sabores do lanche e a alegria das brincadeiras, pois não era só de castigos e disciplina que viviam essas crianças durante o período pesquisado.

Quando a sineta batia às dez horas da manhã, os alunos saíam para rua para brincar com os colegas e fazer o lanche que era trazido de casa por cada um, pois naquela época não se tinha merenda na escola e a maioria não tinha dinheiro para estar comprando seu lanche na venda que tinha no bairro ou na redondeza. Como nos conta o Sr João Martinello às vezes algumas crianças traziam um “Nicri” (moeda) para comprar alguma coisa na venda do seu Minotto.

“[...] às 10 horas meio período tinha o recreio pra gente comer “arguma”

batata, a gente levava uma fruta ou comprava-se na venda do Minotto [...]” (JOÃO MARTINELLO)

Sr. João Martinello ao falar de suas lembranças sobre a merenda, revira sua memória e lembra-se que tinham crianças que iam à venda comprar o lanche, a venda que ele se refere era o pequeno estabelecimento de comércio da comunidade, que já foi falado anteriormente. Mas aqui fica a indagação, será que eram todos que traziam dinheiro para comprar alguma merenda nessa venda? Pois na época as famílias trabalhavam com a agricultura, plantavam alimentos muitas vezes para o seu próprio consumo diário, as famílias não tinham uma renda fixa, nessa comunidade não havia onde pudessem vender seus produtos, assim o dinheiro era pouco para suprir as necessidades que as famílias tinham.

Fazendo relação com a escola do bairro Verdinho, localidade vizinha do bairro São Roque, Rabelo (2007) relata que alguns alunos levavam lanche e repartiam com as outras crianças que não tinham condições de levar lanche para a escola.

Ainda Rabelo (2007) descreve que D. Jacira da Rosa que estudou durante a década de 1960 na escola do Verdinho se lembra da existência de uma horta, onde os alunos plantavam verduras e legumes, mas esses produtos não eram utilizados na merenda pois, naquela época ainda não se fazia merenda na escola. Mas as crianças construíam hortas na escola.

Então, cada aluno trazia o que tinha em casa, nada comprado. Como nos conta Sra. Maria Minotto Borsatto: “Na escola não havia merenda na época, todos os alunos deviam levar a merenda de casa, levavam polenta com queijo, batata cozida, pão feito em casa pelas mães, e o que eles comiam era isso, não havia outro tipo de merenda”.

A Sra. Maria Minotto Borsatto ainda afirma ainda que: “Atrás da escola tinha uma chácara muito grande com vergamota, lima e vários tipos de frutas então os alunos também podiam saborear aquelas frutas”.

Neste espaço escolar, na hora do recreio, a sociabilidade entre as crianças era efetuada, entre jogos e brincadeiras acabavam criando amigos e às vezes até conflitos rotineiros.

Brinquedos e brincadeiras fazem parte da vida das crianças desde a antiguidade. Por volta do século XV, identifica-se o surgimento do brinquedo nas iconografias, em forma de miniaturas, utensílios usados pelos adultos eram

fabricados em miniaturas assim transformando-se em brinquedos para as crianças.

Como afirma Ariés (1981, p.88) “nasceram do espírito de emulação das crianças que leva a imitar as atitudes dos adultos, reduzindo-as á sua escala: foi o caso do cavalo de pau, numa época em que o cavalo era o principal meio de transporte e tração”.

A Sra. Maria Minotto Borsatto rememora o recreio nesta escola, as brincadeiras, os brinquedos e as cantigas que eram praticadas pelos alunos. Eram brincadeiras “sadias” normais de qualquer criança da época, lembrou-se também de uma cantiga que brincava de roda com suas colegas.

As brincadeiras da nossa turma era brincar de roda, brincar de pular corda, brincar com cadeirinha pra levar as amigas, numa cadeirinha uma vez de cada, uma levava a outra. Eram brincadeiras de roda, nós cantávamos um canto que era denominado assim: “que linda boneca na roda entrou, mais dexa lá ela que nada roubou, que nada roubou, o verde limão, ladrão ladrãozinho andai ligerinho, entra na roda e não fica sozinha” . Aí ela escolhia uma outra amiga pra entrar na mesma roda pra gente cantar o mesmo canto.

Para o Sr Valdemar Minotto, o recreio aparece em sua memória como: “[...] o recreio nós brincava de bolinha de vidro, as gurias brincavam de se esconder [...]”.

Essas brincadeiras aparecem nas reminiscências dos entrevistados/a com muitos detalhes, pois pelo menos durante a brincadeira, elas podiam estar minimizar o que acontecia dentro da sala de aula.

Segundo o que diz Fontana e Cruz (1997, p.119) “A brincadeira se faz presente na escola nas mais variadas situações e sob as mais diversas formas”.

Era com essas brincadeiras que muitas vezes as crianças se soltavam, pois dentro da sala sempre estavam sob pressão, ameaçadas se fizessem algo errado, iriam ser castigados de alguma forma. Nas lembranças desses ex-alunos(a) também aparece a questão da uniformização dos corpos; a obrigatoriedade do falar somente português e a questão II da guerra mundial.

3.6 Uniforme, língua italiana e a guerra como lembranças significativas

O uniforme escolar é uma marca registrada das escolas tanto de antigamente como nas de hoje, ao vermos alguém uniformizado, nossa memória já se reorganiza e logo temos em mente que este é estudante de uma instituição de ensino, pois esse traje utilizado por alunos faz transparecer que estejam preparados para ir à escola.

Essa prática de ensino ficou registrada das memórias da Sra. Maria Minotto Borsatto que lembra-se do uniforme que usava naquela época, relata que ninguém podia ir para a escola sem o uniforme e que as mães deixavam todos os dias, o uniforme pronto para as crianças.

Uniforme das meninas era uma saia de prega azul marinho e a blusinha branca e os meninos era calça azul marinho e a camisinha branca, ninguém podia entrar na sala de aula sem ter o uniforme. Todos tinham assim uma obrigação de ir de uniforme, as mães preparavam os alunos, ninguém nunca ia para aula sem uniforme.

Podemos perceber na fala da Sra Maria Minotto Borsatto, esse modelo de uniforme é ainda utilizado em algumas escolas atualmente. A utilização de uniformes era uma opção para que as crianças não precisassem ir para a escola com roupas diferentes todos os dias, pois na época as famílias também não tinham condições para isso.

Com a utilização do uniforme, as crianças ficavam padronizadas, não acentuando muitas vezes a desigualdade entre as crianças. Os uniformes atualmente são mais confortáveis, mas eram roupas mais tradicionais, “engomados”, e só quem os usava era os que tinham maior poder aquisitivo.

Mas, o uniforme não é somente utilizado pelas escolas; o exército, as empresas também fazem o uso de uniformes. Todos ficam padronizados e ainda levam o nome da instituição no caso da escola estampado nas roupas.

Zanon (2010) apresenta a contribuição do filósofo Foucault:

Além da escola, onde os professores e os alunos usam seus uniformes, outras instituições sociais também estudadas por Foucault zelam por uniformes. Ele cita estas instituições que expandiram sua ação durante a Modernidade e modelaram relações de poder do tipo disciplinar: a prisão (uniforme dos presos, dos agentes penitenciários); o exército (a farda de cada camada da hierarquia), o hospital (o traje das enfermeiras e médicos). Com isso pretende-se evitar sinais de personalidade e facilitar, sobretudo, a vigilância. Ou seja, a instituição deve sobrepor-se ao indivíduo. (ZANON, 2010, p.8)

Além do uniforme outras recordações acerca da padronização aparecem como as do Sr. João Martinelo que fala da proibição da língua italiana na escola e na comunidade em geral.

Daí veio o tempo da guerra, era proibido [falar em] “taliano” não podia falar “italiano” e nem nós podíamos falar em “taliano”, teríamos que falar português, e era difícil porque a gente em casa não tinha aprendido, mas tinha que enrolar, os italianos natos que vieram da Itália eles foram obrigado a se naturalizar brasileiro naquela época [...].

Na época, o Brasil tinha no poder o presidente Vargas, o país estava passando por um período em que o nacionalismo era a política principal. Então o presidente ordenou que os alunos só falassem a língua oficial do Brasil, o português, não podendo mais falar italiano ou qualquer outra língua estrangeira nas escolas.

Durante o governo de Vargas, deu-se a II Guerra Mundial, que persistiu por alguns anos 1939 á 1945.

Na época, foi feito atrás, debaixo daquela chácara, a dona Josefina uma professora que estava lá, ela preparou assim tipo uns valos e sempre que ouvia um barulho de avião os alunos se escondiam lá dentro daqueles valinhos e botavam a mão no ouvido para não escutar o barulho se por acaso ouve-se explosão de alguma bomba soltada pelos aviões. Mas nunca houve nada disso, todos ficaram calmos, nunca atiraram nada, as luzes das casas eram apagadas ou então fechada toda a casa, janela, portas era tudo fechado para que ninguém percebe-se a claridade, porque tinham um medo que alguém soltasse alguma bomba também. (MARIA MINOTTO BORSATTO)

Os alunos eram ensinados a se defenderem se algo acontecesse por perto, eram treinados pela professora, pois a população tinha muito medo de que a guerra alcançasse o bairro.

Língua, uniforme e guerra marcaram esse tempo em que eram alunos/as, experiências peculiares na história da educação.

Os aspectos evidenciados neste capítulo fazem parte das lembranças que de alguma forma marcaram a memória desses entrevistados, aspectos estes que tiveram significados muitas vezes diferentes para cada um, mas que em suas reminiscências vieram a contribuir para o entendimento de como era ser aluno/a neste período em que frequentavam a escola e que também enfrentavam diversas dificuldades tanto dentro da sala de aula como fora dela.

4 CONCLUSÃO

Buscamos nesse TCC, analisar quais as lembranças significativas dos ex-alunos/as da Escola Isolada Capela de São Roque no período de 1940 á 1950, identificando algumas das experiências vividas por eles no espaço escolar como: relação professor x aluno, processo de ensino aprendizagem, as brincadeiras existentes, a disciplina e os castigos.

Percebemos que por meio das lembranças, pôde-se fazer o registro de várias situações em que os alunos/as viveram.

Com a correria do dia a dia que a sociedade atualmente esta passando, não se tem tempo para escutar e registrar histórias, como as que foram vividas pelos entrevistados e que são ricas em significados.

Os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados, conseguimos fazer a relação entre a teoria e as lembranças rememoradas pelos entrevistados/a, que em seus relatos possibilitaram a identificação e o estudo dos objetivos propostos nesta pesquisa.

Uma dificuldade percorrida nesta pesquisa, foi a de não ter sido possível utilizar documentos existentes desta escola durante este período estudado para o cruzamento de dados, pois estes documentos se existem ainda, estão em posses de pessoas em que não foi possível identificarmos durante a pesquisa.

A pesquisa teve grande apoio por parte dos entrevistados/as, pois se sentiram valorizados ao estarem relembando histórias que muitas vezes para eles podiam ser insignificante, mas para a história da educação e principalmente para esta pesquisa, foram elementos fundamentais e importantíssimos para o desenvolvimento desse estudo.

Ainda por fim, propõem-se algumas ações a serem desenvolvidas nesta comunidade, registrar e aprofundar outras memórias, que alcançam outros tempos da vida escolar.

O momento de coleta de dados foi um momento muito prazeroso, pois foram algumas horas dedicadas a escutar lembranças das pessoas muito mais velhas que a entrevistadora, histórias estas que fizeram com que relacionarmos com o momento da prática utilizada nas escolas atualmente. Os momentos de análises foram de suma importância, pois foi possível fazer a troca entre a falas dos

entrevistados/a e os autores em que iluminavam e ampliavam ainda mais esse estudo.

REFERÊNCIAS

ACAFE. **Metodologia da pesquisa**. Unidade 3. Florianópolis: ACAFE, 2008.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução á metodologia do trabalho científico: Elaboração de trabalhos na graduação**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BORSATTO, Maria Minotto. **Comunidade, igreja e famílias: São Roque (1904-2003)**. Criciúma: Ed. Do autor, 2003.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996.

COSTA, Marli de Oliveira. **Infância e “artes” das crianças: memórias, discursos e fazeres (sul de Santa Catarina – 1920 a 1950)**. 2009. 293 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2009.

COSTA, Marli de Oliveira. A comunidade e a escola. In: RABELO, Giane et al. **Escola Casemiro Starchurski: das aulas particulares/comunitárias ao ensino público municipal**. Criciúma, SC: UNESC, 2005.

DEMBOGURSKI, Adriana Minervini. SILVEIRA, Débora de Barros. Memórias de infância em Maracaju (MS): Como era ser criança nas décadas de 1920 e 1930. In: Congresso luso-brasileiro de história da educação, 8., 2010, Maranhão. **Anais...**Maranhão, 2010.

ERRANTE, Antoinette. “Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar”. In: **História da Educação/ASPHE**. Pelotas: Editora da UFPel, Nº 8, SET.2000, p.140-174.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 5. ed. Petrópolis: Ed.

Vozes, 1987. 277 p.

KUHLMANN JR, Moisés; FERNANDES, Rogério. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, Luciano (org). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Histórias da educação (o que você precisa saber sobre...)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURENÇO, Leila. Lembranças, registros e percepções do processo de ensino e aprendizagem . In: RABELO, Giane et al. **Escola Casemiro Starchurski: das aulas particulares/comunitárias ao ensino público municipal**. Criciúma, SC: UNESC, 2005.

_____. Ensino e aprendizagem: revisitando alguns modos do fazer pedagógico em uma escola rural/do campo. In: **Lutas e conquistas: história e memória da Escola Pública Municipal "Honório Dal Toé"**, Criciúma, SC : UNESC,2007.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual da história oral**. São Paulo/SP. Edições Loyola, 1996.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Revista do programa de estudos Pós-Graduados em História e do departamento de História da PUC/SP**, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

PARENTE, Cláudia da Mota Darós. Nos tempos de escola: das discussões sobre antecipação e ampliação da escolarização ao direito á educação. Revista de Educação, Faculdade Anhanguera de Valinhos, v.15, n. 12, 2008. Disponível em: <<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/viewPDFInterstitial/275/274>>. Acesso em: 23 out. 2010.

RABELO, Giani; LOURENÇO, Leila; COSTA, Marli de Oliveira. . **A escola na colina: grupo escolar núcleo Hercílio Luz (1905-2002)**. Criciúma, SC: UNESC, 2003. 82 p.

RABELO, Giani. Cultura material da Escola Honório Dal Toé: In: **Lutas e conquistas: história e memória da Escola Pública Municipal "Honório Dal Toé"**, Criciúma, SC : UNESC,2007.

_____.Vozes e vidas de professores e professoras . In: RABELO, Giani et al. **Escola Casemiro Starchurski: das aulas particulares/comunitárias ao ensino público municipal**, Criciúma, SC :UNESC,2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. OS Ofícios da Criança. In: Congresso Internacional “Os mundos sociais e culturais da infância”. 2000, Braga. **Actas...**Braga: Universidade do Minho, 2000. p.125-145.

VIRTUOSO, Tatiane dos Santos. Reminiscências do Verdinho: In: **Lutas e conquistas: história e memória da Escola Pública Municipal “Honório Dal Toe”**, Criciúma, SC: UNESC, 2007.

VOLPATO, Gildo. Um pouco da infância na escola e na comunidade de Linha Batista . In: RABELO, Giane et al. **Escola Casemiro Starchurski** : das aulas particulares/comunitárias ao ensino público municipal. Criciúma, SC :UNESC,2005

ZANON, Alencar Luiz. **É expressamente proibido usar boné na escola**. 2010 Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/916-4.pdf>> Acesso em: 18 de Novembro de 2010.

Fontes Orais.

João Martinello. Nasceu em 09/09/1935, em Criciúma/SC. Entrevista concedida a Maria Helena Casagrande, em 24/08/2010, em Criciúma/SC.

Maria Minotto Borsatto. Nasceu em 01/05/1936, em Criciúma/SC. Entrevista concedida a Maria Helena Casagrande, em 24/08/2010, em Criciúma/SC.

Valdemar Minotto. Nasceu em 29/10/1932, em Criciúma/SC. Entrevista concedida a Maria Helena Casagrande, em 23/08/2010, em Criciúma/SC.